

**PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA LITERÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA
BRASILEIRA SOBRE PERTENCIMENTO E GEOGRAFIA COM ANALICE MARTINS /
*PATRIMONIO CULTURALE E MEMORIA LETTERARIA: UN'ESPERIENZA BRASILIANA SU
APPARTENENZA E GEOGRAFIA CON ANALICE MARTINS***

Analice de Oliveira Martins

**Entrevistada por:
Everaldo Lima de Araújo
Jefferson Evaristo do Nascimento Silva
Jordana Lenhardt
Márcia da Gama Silva Felipe**

Poucas coisas são tão particularmente afetivas quanto as próprias memórias de um indivíduo, de um povo ou grupo. Da mesma maneira, o patrimônio cultural de cada pessoa, grupo social ou sociedade é um elemento distintivo e identitário. Patrimônio cultural, memória e literatura fazem parte, por assim dizer, de um bem imaterial imensurável.

Muitas são as teias que envolvem esses conceitos. A Literatura, de fato, não seria um patrimônio cultural dos povos? Não estaria ela destinada a, se não refletir, perpetuar as memórias individuais e sociais? A discussão é longa, com nuances e possibilidades mil.

Justamente para podermos discutir a questão, convidamos a professora Analice de Oliveira Martins para um colóquio sobre o tema. Recém tornada de seu pós-doutorado na Itália, com décadas de experiência no assunto, a professora Analice é um nome indiscutível para tratar o tema.

Em seu pós-doutorado em Literatura Brasileira pela Università degli Studi Roma Tre, sob supervisão do professor Giorgio de Marchis, nosso outro entrevistado, Analice pôde debruçar-se justamente sobre o tema de nossa entrevista. Doutora em Letras pela PUC-Rio, mestre em Literatura Comparada pela UFRJ e bacharel e licenciada em Letras (Português-Francês) também pela UFRJ, nossa convidada transita com propriedade pelos meandros do tema.

É, ainda, professora titular da graduação em Letras e da Pós-Graduação em “Literatura, Memória Cultural e Sociedade” do Instituto Federal Fluminense (IFF), instituição em que atua ministrando aulas de Teoria Literária e Literatura Brasileira. É professora colaboradora dos Programas de Mestrado e Doutorado em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Experiência não lhe falta.

Suas pesquisas relacionam-se aos diálogos entre literatura e estudos culturais; aos relatos de espaço; às questões de pertencimento e identidade cultural e também às fronteiras entre literatura e tecnologia, investigando novas condições de produção literária na contemporaneidade.

Publicou, em 2018, o livro *Entremeios: ensaios sobre literatura, cinema e comunicação*. É autora de diversos artigos acadêmicos e mantém o site www.rumoreseruidos.com. Aceitou gentilmente o convite de, por e-mail e em breves palavras, responder a algumas perguntas que consideramos relevantes e para as quais seguiremos sem maiores delongas.



1) Os teóricos são consensuais em dizer que língua e cultura sejam elementos indissociáveis, como se fossem duas faces de uma mesma moeda. Nessa relação, há espaço para se falar também de um "patrimônio" linguístico-cultural?

A língua - de um povo, de uma comunidade, de uma nação - é não só expressão de uma cultura, do ponto de vista etnográfico e antropológico, mas também uma das formas de sua perpetuação e identidade. Nesse sentido, quando se entende por patrimônio, de acordo com o artigo de 216 da Constituição Federal de 1988, os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à

ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”, fica evidente o quanto é possível entender as questões linguísticas como parte do patrimônio cultural.

Ora, se a literatura é o espaço de maior potência e experimentação de uma língua, ou seja, seu espaço de conservação e de transgressão, sua memória e sua sobrevivência, poderíamos com tranquilidade concluir que as expressões literárias ajudam a patrimonializar a língua ou as línguas em que se expressa determinada cultura, tornando tangível mesmo o que se constitui de forma imaterial.

2) Da mesma forma, seria possível se falar em uma "memória" construída pela literatura? Seria essa memória uma narrativa menor?

A memória é tanto história quanto fabulação, verdade e ficção. A memória não é só o registro do que aconteceu. É matéria para a fabulação. Ainda quando se quer o mais fidedigna possível, é um relato reconstruído, um modo de dizer organizado a partir de um determinado ponto de vista. Logo, a memória não é apenas fonte de investigação para a história ou sua guardiã, é sobretudo fonte inesgotável para a literatura. Em outras palavras: ao ser organizada em relatos e versões, priva da mesma condição de verossimilhança atribuída à literatura. Em nenhuma dimensão, a memória construída pela literatura seria uma narrativa menor, porque lacunar e fronteira com a imaginação.

Se a pergunta se refere a alguma espécie de desprestígio de que narrativas memorialísticas, tais como cartas, diários, confissões, autobiografias, já gozaram diante de um suposto cânone, nada disso procede para a crítica literária contemporânea que dá relevo ao atravessamento das fronteiras entre história e ficção e às práticas autoficcionais.

3) De que maneira, então, poderiam se articular os conceitos de patrimônio cultural, memória e literatura?

A resposta a essa pergunta é uma oportunidade de ampliar as duas anteriores, articulando, em um primeiro plano, patrimônio e memória. Em sua origem etimológica, a palavra “patrimônio” está ligada ao vocábulo PATER (pai) e à herança ou propriedade paternal. O sufixo MONIUM diz respeito também a aspectos imateriais como “condição, estado, ação”. Assim, pode-se inferir que mais do que bens materiais – móveis e imóveis -, patrimônio seja também o que se lega como ação, modo de existência e reflexão. Patrimônio não é, portanto, apenas aquilo que se acumula, mas sobretudo algo destinado a ser legado,

transmitido, compartilhado. É menos o que se guarda e mais o que se dá à vista, reafirmando os versos do belo poema “Guardar”, de Antônio Cícero:

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.
Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela

Quando se diz que algo será patrimonializado, o que se quer dizer é que esse bem será olhado, fitado, admirado e, em especial, vai nos iluminar, como bem formulou o poeta. Memória, então, seria o que se guarda para que nos ilumine e nos explique. Nesse aspecto, a memória também é um vetor dos processos identitários.

A literatura – oral ou escrita; canônica ou não; “menor”, como a conceituou Deleuze – mesmo que não seja mais, no século XXI, o centro da cultura e o elemento primordial da educação sentimental dos sujeitos, foi certamente, até a metade do século XX, a mais importante difusora das memórias individuais e coletivas, expressão das potencialidades de uma língua, patrimônio que diz das culturas e das línguas, guardando-as e as revolucionando.

4) De que forma o cânone "consagrado" compreende essa inter-relação entre os conceitos?

O cânone opera com um regime de inclusão ou exclusão. Suas agências legitimadoras estabelecem critérios de representatividade nem sempre consensuais, principalmente em tempos de pautas tão urgentes. O cânone patrimonializa sem dúvida, como também marginaliza, relega ao obscurantismo o que representa outras vozes, vozes diversas. Entender a literatura como campo, na acepção de Bourdieu, auxilia a compreensão das relações de força que ora entronizam ora obscurecem expressões de uma subjetividade ou de uma cultura.

O cânone não é - nem nunca será - o todo da literatura. Seria talvez mais interessante pensar a partir da não menos polêmica definição de obra clássica, na formulação de Italo Calvino em *Por que ler os clássicos?* O que seria um clássico? Entre as várias respostas

apresentadas pelo autor, encontram-se algumas que explicam, com clareza, a inter-relação dos conceitos mencionados. Por exemplo: “Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual.”

5) Na história da humanidade, a tradição oral cumpre um papel fundamental de manutenção de identidades, saberes, narrativas, memórias e patrimônios. Há, nos estudos teóricos de literatura, alguma interlocução entre a tradição oral e os conceitos de nosso dossiê?

Embora correndo o risco de esquecimentos, prefiro responder de forma nominalista, citando alguns teóricos e pesquisadores que, em contextos distintos de enunciação, problematizaram as narrativas orais, o seu legado linguístico-literário, suas funcionalidades na relação entre memória e identidade e, por consequência, sua dimensão arquivista e patrimonial: Walter Benjamin, Maurice Halbwachs, Michael Pollack, Michel de Certeau, Jacques Le Goff, Ecléa Bosi.

6) Em suas pesquisas, além dos conceitos que aqui discutimos, aparece ainda de maneira marcante a noção de geografia/cartografia. Seria um conceito relacionado?

Penso que sim, porque um clássico da literatura ultrapassa geografias, fronteiras linguísticas e culturais, e também porque cartografar é patrimonializar em certa medida. A geografia é importante nas minhas pesquisas como delimitação e atravessamento de territórios, seja a geografia do sertão, seja a das cidades. Desse modo, interessa-me a literatura que, por um lado, tome o espaço e o território como matéria ficcional. Por outro, o repertório de conceitos da geografia cultural, associado à sociologia e à antropologia, parece oferecer chaves de leitura interessantes para a interpretação da literatura, tais como os conceitos de *lugar*, *não-lugar*, *território*, *pertencimento*, *desenraizamento*, *identidade cultural* etc.

Cartografar uma certa literatura brasileira contemporânea é um exercício para pensar suas fronteiras entre o local e o nacional, o provincianismo e cosmopolitismo, os lugares de enunciação de vozes marginalizadas.

Se for possível entender a ideia de patrimonializar como a ação de “deixar à vista”, “iluminar a coisa”, como no referido poema de Antonio Cícero, cartografar o contemporâneo torna-se uma atividade crítica urgente.

7) No campo teórico, é possível apontar algum caminho, tendência ou perspectiva nesses estudos? De que maneira você vê os próximos anos e a pesquisa literária sobre o tema?

Acho que, com o influxo dos Estudos Culturais, a crítica literária dificilmente poderá abrir mão dos conceitos relacionados na resposta anterior. O campo de estudos relacionados a patrimônios culturais só tende a se alargar com a absorção dos legados imateriais, como a língua, por exemplo. Língua e memória são temas recorrentes nas pesquisas literárias, uma vez que as constituem temática e estruturalmente.

8) Poderia deixar algumas últimas palavras para os leitores, especialmente aqueles que porventura não sejam familiarizados com os conceitos discutidos?

Não sei se o que vou dizer ajuda ou tumultua, mas, em tempos tão velozes e vorazes, por vezes amnésicos, parece-me urgente repensar patrimônio e memória como processos em construção, arquivos em movimento, organizados a partir de perspectivas do presente e de suas pautas. Ou seja, por paradoxal que pareça, o contemporâneo, em termos linguísticos e literários, não deve deixar de olhar pelo retrovisor a fim que se compreendam seus processos identitários.

9) Professora Analice, agradecemos a sua disponibilidade e valorosas respostas. Certamente o público da revista Palimpsesto poderá haurir de suas respostas frutos valiosos para suas reflexões, pesquisas e discussões. Agradecemos.

O agradecimento é todo meu. É sempre um prazer poder dialogar sobre temas que gostamos e aos quais dedicamos nossa pesquisa e esforços. Faço votos de que nossa conversa seja proveitosa para quem por ela se interessar, desejando ainda uma leitura de inquietações. Foi um prazer e espero poder colaborar em outras ocasiões.